

## UM OLHAR SOBRE AS INTERVENÇÕES NA URBE

Benedito C. de Santana

Aluno do mestrado em Artes Visuais da  
Escola de Belas Artes da Universidade Federal da Bahia

### Resumo

Este artigo propõe reflexão sobre a importância das intervenções artísticas nos espaços abertos da cidade, como forma de ressignificação estética e comunicativa. O olhar do artista contemporâneo se apropria desses espaços e estabelece suas ações no sentido de ampliar a discussão em torno de imagens e objetos cotidianos, possibilitando mudanças tanto na paisagem urbana quanto no contexto social.

Palavras-chave: intervenções, cidade, modernidade, contemporaneidade, arte, paisagem urbana.

### Abstract

*This article proposes reflection on the importance of artistic interventions in open spaces of the city, as a resignification aesthetics and communicative form. The contemporary artist view makes part of those spaces and establishes their actions in order to improve images and daily objects discussion, allowing changes both in the urban landscape as in the social context.*

*Key-words: interventions, city, modernity, contemporaneity, art, urban landscape.*

## Introdução

A cidade contém, em sua polissemia morfológica, muros, janelas e fachadas. Registro anônimo de ações coletivas, guardadas na memória e no tempo, essa mobília urbana revela-nos fragmentos de uma paisagem do presente que também pode nos remeter ao passado. Vagar por ela é estar atento a essas minúcias da sua fisicalidade; é tentar absorver a escritura daquela paisagem. Andar pela cidade exige de nossa parte estabelecer relações com tudo em volta, na busca de diferentes significados e interpretações, pois é como se ela fosse um organismo mutante que está em contínuo processo de (des) construção e desdobramentos múltiplos.

Através dos seus ininterruptos deslocamentos geográficos, ora convertidos na verticalidade ora na horizontalidade, olhar a sua realidade interior pode nos levar a uma ressignificação de outros aspectos que fazem parte do cotidiano. No sentido de externar uma possível releitura no campo visual da arte contemporânea, essa visão de mundo sobre “o indivíduo e o meio” passa a ser um recorte fundamental para o campo investigativo, especificamente no processo criativo de uma poética visual.

Compreende-se que a “Cidade” por muito tempo foi e continua sendo um dos objetos de representação para os artistas. Com o aparecimento da Revolução Industrial, a atenção sobre as cidades se intensificou. A partir desse momento, a modernidade na urbe proporcionou ao homem viver sob diferentes noções temporais e espaciais, o que acabou transformando a sua percepção da paisagem como a sua própria realidade sob novas interpretações. Compartilhada por todos os indivíduos, aquelas noções caracterizam a modernidade. Isso implica em viver num ambiente onde são oferecidas, ao mesmo tempo, novas possibilidades de mudanças e autotransformações.

Frutos de uma experiência decorrente da diluição das fronteiras espaciais, regionais, étnicas ou até mesmo de classe, a vida moderna e os seus desdobramentos têm sido alimentados por muitas fontes, como a industrialização da produção. Transformada pelo conhecimento científico, o tempo moderno provocou mudanças na imagem e no lugar que ocupamos, favorecendo novas ambiências humanas, assim como alterando o próprio ritmo de vida dos cidadãos. (BERMAN, 1986, p.16),

O que caracteriza o conceito de cidade, seja ela antiga ou moderna, é a idéia de um aglomerado de pessoas que se organizam em torno de sentidos e significados próprios. Percebe-se a produção desses sentidos, cujo processo se dá entre o sujeito e a cidade por grupos humanos, em suas redes culturais, econômicas e religiosas centradas nos valores históricos, espaciais e temporais.

O fato urbano transforma-se no conceito de cidade quando imaginamos a partir de uma visão perspectiva e prospectiva, ou seja, histórica - como uma característica projetada a partir do nosso olhar diante do que foi o passado e o futuro indefinido. A cidade se organiza por operações no campo especulativo e classificatório, no qual estão ao mesmo tempo entrelaçados o poder da gestão

e também da eliminação movido pelo setor público ou privado. Assim, a idéia de um planejamento sobre a cidade está confinada a questões de caráter político e econômico. (CERTAU, 1994, p.173-174)

De certo modo, quaisquer observações e pesquisas que se façam no meio urbano implicam em compreender ou lidar com os indivíduos ou grupos com quem temos de estabelecer outras relações sociais mesmo quando são indiretas, ou, no bom sentido sociológico, contextualizá-las. Devemos entender de forma mais ampla a cidade como *lócus* de investigação onde se pode focalizar e compreender fenômenos, processos de mediação e interações sociais que nela ocorrem envolvendo atores e grupos sociais. Nesse sentido, Velho coloca que:

A predominância de visão e discurso tecnocráticos universalistas dentro da burocracia nos órgãos governamentais, associados ao tipo de visão empresarial um pouco tosca, tende a reduzir os indivíduos à unidade de produção e consumo. Onde, o planejamento urbano ignora a dimensão simbólica e cultural, a experiência e identidades particulares de certos locais ou espaços urbanos públicos, ignorando o que há de mais importante na ação social, que é o significado a ela atribuído pelos diferentes atores sociais. (GILBERTO VELHO 2002, p.41).

No que se refere às interações sociais, atualmente fragmentadas, na cidade tudo se apresenta de modo transitório e fugaz, principalmente quanto à crescente mudança nos modos de vida. A convivência diante da densidade populacional é um fato comum nas grandes urbes em face das necessidades econômicas. Existe uma predominância arbitrária nas convivências citadinas em que o outro se sobrepõe independente de sua vontade.

Outras mudanças comportamentais chegaram à cidade. Essas mudanças também interferiram de forma negativa no campo da relação entre os indivíduos e os espaços públicos, como, por exemplo, o retorno ao convívio íntimo, fechado, em detrimento dos espaços abertos como ruas e praças.

A contradição entre o público e o privado, assim, sofreu alterações no campo da vida social. Como afirma Richard Sennett, (1989, p.28) “o conceito de supressão do espaço vivo” se resume ao fato de que o espaço público se tornou algo desprovido de sentido, uma vez que, na modernidade, a iniciativa dos conglomerados arquitetônicos suprimiu os espaços do centro urbano como

local de passagem, em vez de permanência para o destino do passeio público e de lazer.

Nos dias atuais, há uma mudança nas estruturas sócio-espaciais urbana entre o global e o local. Diante dos interesses mercadológicos do setor imobiliário, a partir do pensamento global, o setor privado tem assumido serviços de responsabilidade do poder público. Concordamos com Zunkim que:

*A paisagem é, em grande parte, uma construção material, mas também é uma representação simbólica das relações sociais e espaciais. A paisagem é uma poderosa expressão das restrições estruturais de uma cidade. Com frequência, o que observamos como paisagem - aquilo que é construído, escondido e que resiste - é uma paisagem do poder. (p.106, 2000).*

Podemos citar como exemplos de ações de poder na paisagem urbana que se tornaram característicos da iniciativa privada o planejamento urbano, o transporte e o saneamento com o intuito de gerar outros espaços domesticados, cujo caráter público é torná-los diferenciados e enobrecidos. Notadamente esses espaços domesticados inibem e impedem o acesso de indivíduos de baixo poder e *status* econômico. Assim, espaços como os Shoppings Centers, os Cafés, os Condomínios, mansões e arranha-céus fechados são exemplos que refletem uma representação simbólica do poder diante das mudanças “materiais” na paisagem urbana.

## **Intervenções Urbanas**

No decorrer da própria modernidade, surgiram novas tendências. Formaram-se grupos de artistas que objetivaram concepções no sentido de democratizar a arte e o seu conceito, sua função social e o seu espaço, bem como dinamizar a compreensão estética ao criar condições para a emergência de utilização de novos meios de abordagem crítica sobre o papel e a função dos museus e galerias. Buscavam promover uma reflexão acerca do que comporta as relações estéticas espaciais e sociais na paisagem urbana.

Os grupos, formados a partir dos anos 90, em Artes Plásticas, optaram por atuar diretamente no cenário urbano por meio de intervenções e ações performáticas, em oposição aos meios legitimadores da instituição museológica. São intervenções que provocam e interagem na cidade e caracterizam-se por uma pluralidade de ações que remetem a um contexto social, político, cultural e artístico. Provocam novas funções e sentidos nos espaços abertos da cidade, a partir dos cruzamentos de novas figurações plásticas com outras linguagens, cujos trabalhos passam a refletir discussões históricas e simbólicas. Além do deslocamento dos suportes, estabelecem um novo olhar entre arte e o entorno da cidade (figura 1).

No Brasil, as primeiras intervenções com a cara do que se conhece hoje por moderno levam a assinatura de artistas como Cildo Meireles, que realizava intervenções no cotidiano urbano demonstrando um senso crítico ao regime capitalista; Arthur Barrio (figura 2), que muito utilizou materiais perecíveis em suas intervenções no espaço público, causando grandes repercussões nos meios políticos e culturais e Hélio Oiticica, com seus trabalhos a céu aberto. Grupos coletivos contemporâneos como Grupo Moto Continuo/Curitiba, (figura 3) Vaca Amarela/SC; Grupo Camelo/PE e outros buscam atuar no espaço urbano por meios de intervenções e ações performáticas contestadoras e reflexivas sobre o papel institucional como os museus e galerias de arte.

Em Salvador-BA, muitas intervenções urbanas foram feitas em muros e espaços abertos da cidade. Grande parte como resultado da atuação de artistas isolados, dentre os quais se destaca o artista plástico Bel Borba (figura 4), que usa a técnica de mosaicos nas encostas e morros da capital baiana e o artista Baldomiro (figura 5) que faz intervenções em alguns locais específicos na cidade. Desta forma, compreende-se que essas intervenções foram feitas especificamente para o contexto urbano, para que fossem percebidas nessa esfera.

A iniciativa dos grupos e dos artistas acima citados faz de suas obras um manifesto contra o sistema político e a instituição museus/galerias. Aquelas obras trouxeram uma crítica ácida e contumaz à forma como a arte é exposta e as maneiras como as pessoas têm – ou não – acesso a elas.

Se o museu e as galerias eram os lugares da arte e o ponto de separação de tudo que não correspondia a ela, a arte urbana surgiu como um

movimento em formato estético e artístico dentro do atual contexto contemporâneo. A posição da arte nos espaços fechados volta a ser questionada e criticada enquanto *status*. Notadamente, a concepção de cidade como um espaço da razão, da produção e da função, passa a ser, para a nova safra de artistas e grupos contemporâneos, dialetizada e ampliada enquanto espaço de vivência humana e artística.

Muitas intervenções de arte na cidade, por mais que representem uma face utilizada pelos meios de comunicação e propaganda, buscam uma estética para promover novas formas de relação entre o sujeito e o entorno urbano. Nota-se, portanto, a existência de uma estética urbana, racional, moderna, funcional e restritiva, que se impõe pela dominação econômica do tempo, sempre dinâmico, e dos lugares - já bastante privatizados - inviabilizando momentos e espaço onde os sujeitos passam a sensibilizar-se com o que está ao seu redor e modificar sua maneira de viver. Outras formas de relação estética com a cidade podem emergir por meio da arte urbana, principalmente na valorização dos espaços públicos, introduzindo a arte na própria vida, não como ornamento, mas, sim, como possibilidade de transformação humana. Retomando-se Vera Pallamin,(2002,p.109).

*A arte urbana, como prática crítica, ao antepor-se narrativas pré-montadas, percorre as vias de interrogação sobre a cidade, sobre como esta tem sido socialmente construída, representada e experienciada.*

Faz-se necessário, entretanto, refletir sobre a leitura dos objetos e das imagens saturadas do cotidiano, no intento de procurar outras visibilidades e outros sentidos que as paisagens urbanas podem suscitar.

A proposta de arte nos espaços da cidade decorre da necessidade de priorizar outras relações humanas com o mundo, outras formas de comunicação e de linguagem na urbanidade, ou seja, desconstruir a percepção que se faz unicamente utilitarista e condicionada às tarefas cotidianas, estreitando-se para direções que não se comunicam além do necessário para uma ação imediata. Quando falamos de uma arte urbana, procuramos um novo olhar sobre a cidade, ressaltando o movimento próprio que ela tem e que não podemos achar que pode ser racionalmente controlado. A cidade é marcada

por fluxos ininterruptos e por relações sociais contraditórias e diferentes. Valendo-se novamente de Pallamin (2006, p.107):

*..., a noção de representação não é tomada como mera aparência oposta à realidade. As representações são entendidas como relações sociais, sendo elas mesmas produtoras de significados e subjetividades.*

Ao fazer uma arte urbana, o artista busca construir espaços outros, abertos ao desinteresse da função prática dos objetos, no sentido de alcançar uma contemplação e ressignificação do que está ao seu redor, de modo que ele constrói outras significações a partir de um lugar. Assim, o lugar passa a ter uma função importante na realização de um trabalho que resulta em novas experiências. Para Brissac,(1998,p.18):

*O artista não busca lugares particularmente dotados de significado histórico ou imaginário já garantido. Ele não trabalha com a imagem deles, mas essa confrontação espacial. Ele procura converter esses locais de trânsito, típicos de nossa dinâmica urbana moderna, em locais de experiência.*

Intensificou-se a arte urbana nas décadas de 60 e 70, ao romper com os espaços de exposição tradicionais para recolocar a arte entre os objetos cotidianos e industriais. E, como objeto do cotidiano, veio reivindicar um sujeito do olhar, a presença humana, as marcas contínuas que fazem desses espaços privatizados pelo poder econômico novamente espaços públicos, lugares de personalidade e relações estéticas e informais.

As propostas de intervenção e ocupação em espaços inusitados buscam abrir novas possibilidades de se perceber a malha urbana. Essa arte urbana provoca a desautomatização da percepção para ampliar as relações do ser humano com a sua realidade, modificando essas relações e os próprios sujeitos, na medida em que implica em outra sensibilização do olhar. Isso, de certa maneira, provoca rompimentos com a noção clássica de estética e possibilita pensar na viabilização de uma outra abordagem através da arte na cidade.

Assim como em outros modos de arte, a arte urbana permite um momento de criação, porque o processo de percepção requer que o sujeito recrie o objeto, partindo da sua forma e do seu significado, e imponha a estes

sentidos próprios. São esses novos sentidos que promovem uma relação diferente do ser humano com a cidade, mais do que com o objeto de arte, com o entorno que lhe constitui. Sendo assim, a arte urbana, enquanto uma relação estética, dialoga com o extra-estético, o artístico e o não artístico, favorece uma comunicação porque quebra o isolamento - imposto pela relação entre o sujeito e o objeto estético, este último sempre exposto em um lugar que quer ser neutro. Portanto, a arte de se fazer presente nos lugares da cidade, além de comunicar-se com os espaços, os objetos e as pessoas que por ali transitam, pode também vir a estabelecer relações estéticas com elas.

As idéias que permeiam as ações criativas configuradas pelas intervenções artísticas urbanas são as de que a cidade, enquanto suporte, representa uma construção social. É onde o artista habita e busca estabelecer suas relações afetivas, imaginárias e, conseqüentemente, estéticas diante do que se apresenta no contexto do tecido urbano. Ele busca, pois, a partir do seu olhar, resgatar o lugar enquanto participante ao exercer um diálogo com o urbano. O resultado daquelas intervenções demonstra de certo modo suscitar emoções em quem passa ao perceber os diferentes discursos imagéticos de quem as promovem. São provocações sobre as formas já estabelecidas, ao decifrar outras significações acerca do que está presente e saturado.

Compreende-se, pois, que o espaço na cidade, não é somente um espaço físico, mas também um espaço de significação. Fazem-se presentes lugares em que o público e o privado, o sujeito e a coletividade estão entrelaçados. As condições e as relações humanas se articulam no sentido de retomar o espaço, - mesmo que através de manifestações artísticas - numa dimensão de maior amplitude social e participativa, e não somente funcional. Isso implica na importância de se repensar e dar ênfase na multiplicidade de sentidos e outras significações que o espaço urbano nos oferece. Para Brissac, (1998, p.117):

*Numa cidade onde não se sabe mais o que é público, o que é privado, fomos alienados do espaço público que, na verdade, é um espaço de guerra. Quando o espaço público está em crise, é preciso pensar que tipo de intervenção pode ajudar a nos relacionarmos com essa cidade contemporânea.*

Fazer intervenções urbanas exige pensar qual tipo de material e local são adequados a elas. Entende-se que fazer arte nos espaços da cidade não é

somente interferir em outro modo de concepção estética, mas também em uma ressignificação dialética no campo social. Esses elementos são fundamentais para que se pense a cidade enquanto elemento mediador, onde o espaço torna-se dialogístico e interativo e, não, instrumento de imposições estéticas, que geralmente estão associados a algumas esculturas e monumentos espalhados na cidade, sem nenhuma ligação com as características locais e de seus moradores.

### **Conclusão**

O tempo da cidade em seu pleno ritmo é dinâmico. Ela, por si mesma, nos apresenta uma diversidade do imaginário social, em seus espaços abertos e cenográficos. Diga-se, de passagem, lugar onde as múltiplas mudanças que ocorrem externamente refletem novas figurações de um mosaico de informações e características próprias.

No entanto, as infinitas possibilidades de atuação junto à realidade urbana permitem que o artista contemporâneo se desloque para aqueles espaços, no sentido de romper fronteiras de acordo com suas necessidades, materializar propostas que reivindiquem como possibilidade uma transformação local e social.

As intervenções que provocam e interagem na cidade caracterizam-se por essa pluralidade de ações que remetem, sobretudo, a um contexto social, político, cultural e artístico. Provocam novas funções e sentidos a partir dos cruzamentos de novas figurações plásticas com outras linguagens, cujos trabalhos passam a refletir discussões históricas e simbólicas. Além do deslocamento dos suportes, estabelecem um novo olhar entre arte e o entorno da cidade.

Afinal, na arte, essas novas figurações codificam uma ligação do que se faz presente do imaginário social, a partir dos elementos que são abstraídos em novos suportes e materiais, resultando num hibridismo de formas espontâneas. Formas essas que literalmente buscam expressar a plasticidade para quem olha, vive, e respira a cidade.

## FIGURAS

**FIGURA 1**



**Eduardo Srur, "Pets", 2008, intervenção urbana no rio Tietê, São Paulo/SP**

**FIGURA 2**



**Trabalho realizado em Belo Horizonte, Minas Gerais, em 20 de abril de 1970.  
LOCAL: em um rio/esgoto, colocação de 14 T.E, Parque Municipal.**

**FIGURA 3**



**Grupo Moto Contínuo: intervenção urbana com cartazes, Curitiba, 1983**

**FIGURA 4**



**Bel Borba – Mosaicos encravados nas rochas – Av. Contorno – Salvador/Bahia - 1998**

**FIGURA 5**



**Baldomiro – Intervenção na Lagoa do Abaeté – Salvador/Bahia 2007**

## Referências Bibliográficas

- BRISSAC, Nelson. Arte e cidade. In: MIRANDA, Danilo Santos de (coord.). Arte Pública. São Paulo: Sesc, 1998.
- BRISSAC, Nelson. Intervenções Urbanas: Arte Cidade. São Paulo: Editora Senac, 2002.
- BERMAN, Marshall. Tudo que é sólido se desmancha no ar: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- CERTAU, Michel de. A Invenção do cotidiano: artes de fazer. Petrópolis, RJ. Vozes, 1994.
- COCCHIARALE, Fernando. In: FABRIS, Annateresa [et.al.]. Tridimensionalidade: arte brasileira do século XX. São Paulo: Itaú Cultural; Cosac & Naify, 1999.
- CAUQUELIN, Anne. Arte contemporânea: uma introdução. São Paulo: Martins Fontes, 2005.
- DANTO, Arthur C. Após o fim da arte. A arte Contemporânea e os limites da História. São Paulo: Odysseus Editora, 2006.
- FARIAS; Agnaldo (org.). Icléia Cattani. Rio de Janeiro: Funarte, 2006.
- JODELET, D. Representações sociais: um domínio em expansão. Rio de Janeiro: Editora da UERJ, 2001.
- LE WHITT apud ARCHER, Michael. Arte Contemporânea: Uma História Concisa. Tradução: Alexandre Krug, Valter Lelis Siqueira. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- PALLAMIN, Vera M. Arte urbana como prática crítica. In: Cidade e cultura: esfera pública e transformação urbana. (org.) Vera M. Pallamin. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.
- SIMMEL, G. A metrópole e a vida do espírito. In: VELHO, Otávio Guilherme. O fenômeno urbano. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.
- SEFFRIN, Silvana (org.). Frederico Morais. Rio de Janeiro: Funarte, 2004.
- SENNETT, R. O Declínio do Homem Público: As Tirantias da Intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- STANGOS, Nikos (org.). Conceitos de arte moderna. Tradução: Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.
- TASSINARI, Alberto. O espaço moderno. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.
- VELHO, Gilberto. In: Oliveira, Lucia Lippi. Cidade, história e desafio. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.
- ZUNKIN, Sharon. Paisagens do século XXI: Notas sobre a Mudança Social e o Espaço Urbano In: Arantes, Antonio A. O espaço da diferença. Campinas, SP: Papirus, 2000.

**Benedito Cardoso de Santana**, natural de Aracaju/SE. Artista Visual, mestrando do programa de Pós Graduação da EBA-UFBA. Graduado em Sociologia pela UFS, participou de Bienais e Salões Nacionais e realizou Exposições Individuais e Coletivas no Brasil e Exterior.